

● ENTREVISTA

FABRÍCIO RODRIGUES
frodriques@dnoticias.pt

Normalmente, a Madeira é vista como uma região de emigração e não de imigração. São muitas as notícias que dão conta de saída de jovens licenciados para fora da Região. Mas a história de Fabio Ascarini é totalmente a oposta. Este jovem italiano, de 26 anos, engenheiro agrônomo, licenciado em Ciências Agrárias e Ambientais em 2015 e com mestrado em Desenvolvimento Rural Sustentável em Abril 2017, na Universidade de Perugia, em Itália, mudou-se para a Madeira, onde trabalha como investigador bolseiro na empresa ISOPlexis - Germobanco.

Após ter frequentado, durante três meses, um programa de Erasmus, Fabio Ascarini regressou à Madeira, depois de ter sido o candidato seleccionado para uma investigação que estuda as diferentes características de algumas espécies de fruteiras e legumes, como forma de aproveitar as potencialidades ao nível genético.

Como surgiu a oportunidade de vir para a Madeira? No último ano do mestrado, quando me encontrava a pensar na tese, falei com a minha orientadora e perguntei se havia a oportunidade de fazer a tese fora de Itália. Nessa altura tive uma resposta negativa, pois já era demasiado tarde para fazer a candidatura, no entanto, nessa mesma altura, surgiu a oportunidade de fazer o 'Erasmus Trainingship', que é um estágio curricular em universidades estrangeiras.

Nesse mesmo ano, a minha orientadora recebeu um pedido do professor Miguel Carvalho, coordenador do ISOPlexis - Germobanco, que precisava de alguém na minha área.

Quando a professora pronunciou pela primeira vez o nome Madeira, eu nem sabia onde ficava, sou sincero, não sabia nada. Nem sabia que o Cristiano Ronaldo era da Madeira. Recordo que na altura a minha orientadora perguntou-me se gostava de plantas e da natureza, e eu respondi que sim, então vais gostas muito da Madeira, respondeu-me.

O processo de candidatura foi preparado com bastante tempo de antecedência o que me deu tempo para pesquisar muitas coisas sobre a Madeira na internet. Comecei por ver as fotografias, a ilha, a estudar como seria a minha estadia. Estive a ver onde ficava a residência universitária onde ficaria a viver, como era a universidade e a perceber quais os autocarros que teria que apanhar diariamente.

E como foi aprender a falar português? Posso dizer que depois de um mês e meio, ou dois, eu já conseguia ter pelo menos uma conversa [riso].

E como se proporcionou o regresso à Madeira? O regresso... digamos que no ramo da investigação sub-



FOTO DR

“Passaria toda a minha vida na Madeira”

Fabio Ascarini, Engenheiro Agrônomo

metem-se muitos projectos com a esperança de ver, pelo menos uma parte aprovada. Houve um que consegui essa aprovação, em que concorri e consegui ficar.

A experiência do estágio do programa Erasmus, foi fundamental, digamos que as capacidades que estão no edital de candidatura ao projecto eram basicamente as capacidades que eu até melhorei no meu estágio, ou seja, o que aprendi na tese de mestrado e depois melhorei no estágio curricular.

O projecto onde estou inserido intitula-se 'Caracterização e conservação dos principais recursos genéticos vegetais tradicionais e estratégicos da RAM'.

Como explica o trabalho que está a desenvolver na Região? A investigação acarreta muito trabalho de campo, portanto, na primeira fase houve uma prospeção e inventariação das espécies. Através dos contactos que realizámos com os agricultores, associações, ou pessoas que vamos conhecendo ao longo da ilha, recolhemos declarações e amostras para estudar a biodiversidade daquele local. Por exemplo, muitos agricultores não sabem que têm um 'tesou-

“EU NEM SABIA QUE O CRISTIANO RONALDO ERA DA MADEIRA”, RECONHECEU O JOVEM ITALIANO

ro', como variedades de fruteiras antigas que já não se encontram em nenhum outro sítio. O projecto tem algumas espécies target (alvo), ou seja, as principais são a cebola, batata-doce, anona e maracujá. Além disso, analisamos muitas outras, como a macieira, perêira, cerejeira, ginjeira, figueira, em que não está prevista uma caracterização, mas uma prospeção e um mapeamento. Saber onde encontra aquele recurso, será útil no futuro para quem quiser utilizar aquele solo e queira aproveitar as suas potencialidades.

Este trabalho também é utilizado por quem faz melhoramento genético no Mundo. Usamos uma base de dados que é compartilhada com o United State Department of Agriculture. Portanto, estes dados de caracterização e mapeamento vão

ser partilhados e qualquer pessoa pode deslocar-se à ilha para pedir material para fazer um melhoramento genético de uma espécie.

Cá na Madeira, mas também no Porto Santo, muitas culturas desenvolvem-se junto ao mar, com terrenos com grau elevado de salinidade ou em condições de seca, características importantes devidas as alterações climáticas.

Qual o ponto de situação neste momento? A investigação está a correr bem. Este projecto, o ISOPlexis - Germobanco, conta com vários parceiros como a Universidade da Madeira e a Direcção Regional da Agricultura, que apoiam com as estruturas que têm. Essa última tem muitas colecções de fruteiras nos centros experimentais. Contamos ainda com o auxílio da Associação de Agricultores da Madeira, que também tem algumas estruturas e a Associação de Produtores de Cidra. Também é apoiado pelo PRODERAM e neste momento, quase todas as verbas foram executadas, mas há ainda algumas coisas por executar, mas o projecto está a andar.

Neste momento o projecto já arrancou há uns meses e considero

FF

“MUITOS AGRICULTORES NÃO SABEM QUE TÊM UM ‘TESOURO’, COMO VARIEDADES DE FRUTEIRAS ANTIGAS

que está a andar bem. Juntamente comigo trabalham outras três pessoas que fazem um estudo mais laboratorial, como a caracterização dos frutos e das folhas, através de técnicas de laboratório. Também já participámos num simpósio nacional, em Faro, onde apresentámos os resultados preliminares da caracterização da macieira, junto com outros dados de produção de cidra e pronto, há muito trabalho por fazer. Porque as espécies são muitas, e também a realidade madeirense na agricultura é muito fragmentada, ou seja, tem muitos poios, muito pequenos e muito espalhados pela ilha, por isso é uma dificuldade acrescida para fazer prospeção. Ou seja, não se encontra um campo onde só se encontra macieira, por exemplo, encontramos essa fruteira desde as Achadas da Cruz até ao Faial. Bem, digamos que se encontra praticamente ao longo de toda a ilha.

Há possibilidade de existirem novos projectos? A nossa equipa de investigação também está envolvida noutra projecto muito importante que passa por analisar as alterações climáticas que estão a decorrer cá na Madeira. O mesmo é financiado pelo INTERREG, um programa que apoia os projectos da Macaronésia, e este visa ser um estudo importante na caracterização dos agro-sistemas através do uso de estações meteorológicas, bem como a monitorização das espécies espontâneas, dos microorganismos dos solos, dos insectos e pragas que afectam as culturas, para registar a forma como respondem às alterações climáticas que estão a acontecer.

O futuro passa pela permanência na Região? Bem, neste momento, penso que a Madeira é um dos sítios onde vivi que mais gostei. Ao nível profissional estou satisfeito, mas este trabalho comporta uma precariedade, que em certo sentido é normal. Em Itália no campo da investigação científica é igual. Trabalha-se muito com contratos e é uma coisa que não gosto muito. Por isso, estou com algum receio, mas se for só pelo projecto ou trabalhar neste sector da agricultura que visa conservar a biodiversidade e agrobiodiversidade, passaria toda a minha vida na Madeira.